

JANELAS DE SANTA TEREZA

Aplicabilidade dos mapas mentais na percepção da paisagem cultural

*SANTA TEREZA'S WINDOWS
Applicability of mental maps
in the perception of cultural landscape*

**Márcio Zanella¹, Adriana Araújo Portella²
e Natalia Naoumova³**

Resumo

Aborda sobre a percepção ambiental da paisagem cultural de pequenas cidades históricas, a partir do uso dos mapas mentais. A superação dos entraves para ordenamento e preservação da paisagem carece do aprimoramento das técnicas para reconhecimento, monitoramento e salvaguarda. Neste contexto a janela é caracterizada como campo de estudo das ferramentas da percepção ambiental, considerando usuários de bens arquitetônicos em sítios preservados. O objetivo é analisar o potencial dos mapas mentais como método para o estudo da janela em paisagens culturais. Toma-se como objeto de estudo um exemplar do patrimônio arquitetônico de Santa Tereza/RS, onde os mapas mentais foram aplicados num grupo de sete usuários. Os resultados demonstram o potencial favorável para indicar focos qualificados das janelas relacionados à paisagem do lugar, compreendendo aspectos físicos e subjetivos. Conclui-se que o campo visual e o foco da janela interferem diretamente na percepção da paisagem vivida.

Palavras-chave: mapas mentais, paisagem cultural, percepção, janela, patrimônio.

Abstract

Focus on the environmental perception of the cultural landscape of small historic towns, from the use of mental maps. Overcoming obstacles to ordering and preserving the landscape requires the improvement of techniques for recognition, monitoring and protection. In this context, the window is characterized as a field of study for the tools of environmental perception, considering the architectural heritage users in preserved sites. The objective is to analyze the potential of mental maps as a method for studying the window in cultural landscapes. As an object of study, a copy of the architectural heritage of the city of Santa Tereza/RS (southern Brazil) is chosen. The results demonstrate the favorable potential to indicate qualified focus of windows related to the landscape of the place, comprising physical and subjective aspects. The conclusion is that the visual field and the focus of the window directly interfere in the perception of the lived landscape.

Keywords: mental maps, cultural landscape, perception, window, heritage.

¹ Mestrando do PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPEL – Universidade Federal de Pelotas.

² Pós-doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela Oxford Brookes University; Pesquisadora e Professora do PROGRAU/ UFPEL.

³ Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS – Universidade do Rio Grande do Sul; Pesquisadora e professora no PROGRAU/ UFPEL (Orientadora).

Introdução

O confinamento doméstico imposto pela pandemia COVID-19 intensificou a relação das pessoas com a paisagem filtrada pelas janelas de suas casas. O movimento mundial de êxodo das grandes metrópoles pôs em reflexão a qualidade de vida na cidade grande e o direito fundamental à paisagem (FAJARDO; PERÍES, 2020). Neste contexto compreende-se a importância do estudo do conteúdo visual das janelas como um campo de investigação relacionado à qualidade ambiental, identidade e preservação cultural sobre as pequenas cidades.

A paisagem cultural como conceito de preservação dos aspectos materiais e imateriais da paisagem é tema pertinente para reflexão do direito social à paisagem. Ao adotar a categoria de Paisagem Cultural desde 1992, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO – avançou sobre um antigo problema da sociedade, que é a preservação integrada de bens materiais e imateriais. Em 2009, através da portaria nº 127, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, instituiu a chancela de Paisagem Cultural Brasileira como novo instrumento de preservação no país. No entanto, a dificuldade de implementação das ações de ordenamento e gestão prevista para estes bens levou o órgão a suspender a portaria em 2013, encaminhando-a para revisão. Acerca da necessidade de ordenamento e gestão integrada para preservação da paisagem, Zanirato (2020, p. 28) aponta que:

A falta de integração das políticas e a fragilidade das ações de ordenamento territorial, que não conseguem fazer frente aos processos de alteração do espaço, seja no âmbito rural, pressionado pela ampliação do agronegócio e da atividade mineradora, ou nos espaços urbanos, premidos pela especulação imobiliária, pelo turismo e pela explosão demográfica são os maiores obstáculos.

Diante da necessidade de superação dos entraves de ordenamento dessa nova instância de preservação, carece o aprimoramento das técnicas para reconhecimento, monitoramento e salvaguarda dos bens de paisagem. Seu objetivo como categoria patrimonial é a preservação do *genius loci*, do espírito do lugar e, portanto, “está no conjunto de atores sociais que atribuem sentidos ao lugar e, por isso, cabe também a proteção desses sujeitos, guardiões desses sentidos” (ZANIRATO, 2020, p. 12).

Sob o ponto de vista da arquitetura e do urbanismo, é amplamente reconhecido o estudo e a prática de apreensão da imagem da cidade e seus valores através da rua, e do movimento do observador por percursos (LYNCH, 1999 [1960]; APPLEBY, 1981; DEL RIO, 1990; CULLEN, 1994; KOHLSDORF, 1996). Alguns desses estudos vão recorrer às técnicas da percepção ambiental para obtenção de dados do usuário (LYNCH, 1999 [1960]; DEL RIO, 1990; KOHLSDORF, 1996), a fim de relacioná-los com os dados físicos de reconhecimento do terreno para caracterizar a imagem coletiva da cidade percebida. No entanto, pouco foi estudado sobre a apreensão destes lugares a partir do interior do espaço edificado, ou seja, da arquitetura para a paisagem, e os reflexos disso nos processos identitários e de preservação do *genius loci*.

Observada esta lacuna, assume-se a janela como o *lugar* de paisagem tendo como base os apontamentos a este elemento feitos por Norberg-Schulz (1976), Jorge (1995) e Santos, Tenório e Ribeiro (2018). Um *lugar* próprio da arquitetura e índice propício para obtenção de dados da relação homem e meio em paisagens culturais. Um caminho coerente a ser considerado para superação da complexidade de ordenamento e preservação de paisagens culturais através da percepção ambiental.

Sendo os mapas mentais um método reconhecido na área da percepção ambiental (LYNCH 1999 [1960]; TUAN, 1983; KOHLSDORF, 1996), como utilizar os mapas mentais para análise perceptiva de paisagens culturais, considerando o usuário no interior da arquitetura? Este estudo tem como objetivo geral analisar o potencial do método dos mapas mentais como ferramenta para o estudo da janela enquanto campo de análise de paisagens culturais a partir do interior da arquitetura. Busca-se na dimensão perceptivo-cognitiva do usuário, inserido no contexto da preservação patrimonial, os elementos e significados compreendidos na paisagem vivida.

Para tal, os mapas mentais serão caracterizados na dimensão da percepção ambiental da paisagem cultural, através da revisão bibliográfica sobre o tema. Serão analisados os mapas mentais coletados num estudo piloto realizado no contexto patrimonial do Núcleo Urbano de Santa Tereza – RS, uma pequena cidade histórica fundada pelo movimento da imigração italiana no final do século XIX que colonizou o sul do Brasil, cujo tombamento nacional pelo IPHAN em 2012 exalta o valor paisagístico do lugar. Em seguida serão discutidas as peculiaridades do método para finalidade de uma análise de percepção da paisagem no interior da arquitetura.

Este artigo deriva de uma pesquisa de dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.⁴

Paisagem Cultural e Percepção Ambiental

Sendo paisagem o conceito capaz de abarcar a dimensão morfológica e simbólica daquilo que vemos (SANTOS, 1997), sua abordagem deve ser um estudo relacional entre sujeito e objeto, ou seja, um estudo desta interação do homem com seu lugar, sobretudo se o objetivo for sua preservação como bem cultural.

Conforme Maria Elaine Kohlsdorf (1999), a preservação dos lugares deve estar vinculada aos conceitos de identidade e memória que, por sua vez, estão relacionados com os processos gerais de aprendizagem do ser humano.

A preservação de bens deve estar em função de expô-los ao conhecimento de outros indivíduos para que, os reconhecendo, tenham a possibilidade de construir sua história social por meio dos mesmos. O conjunto de traços de identidade de certo lugar funciona como símbolo necessário a tal construção (KOHLSDORF, 1999, p. 4).

Estes traços são símbolos erigidos pela própria cultura e são fundamentais na conexão entre as pessoas e os lugares. São estes símbolos, por exemplo, que nos permitem reviver na lembrança os lugares por onde vivemos ou visitamos. São símbolos materiais e imateriais, naturais ou criados pelo homem, que constituem um universo único, um lugar. Podemos entender que estes traços de identidade são o material genético daquilo que constituem os lugares e que, portanto, são as chaves para sua manutenção e também seu desenvolvimento.

⁴ Título: Paisagem fenestrada – A janela como foco de percepção da paisagem cultural de Santa Tereza/RS. Linha de pesquisa: Percepção e avaliação do ambiente pelo usuário. Período de realização: 2020-2022.

Considera-se que são estes símbolos de identidade a matéria relevante a ser investigada por um estudo que propõe salvaguardar a paisagem cultural. Em primeiro momento o objetivo da preservação nos parece contraditório diante da essência mutável da paisagem. É por esta razão que a proteção desses bens deve estar focada não somente na permanência de tais símbolos, mas no relacionamento dos indivíduos com esses.

Elencar esses elementos de configuração da paisagem enquanto códigos e significados é o que Maria Elaine Kohlsdorf (2001) define como principal dilema metodológico para preservação das paisagens culturais. “Preservá-los significa definir suas permanências, em termos de que, como e para quem preservar, requerendo coleta e análise de informações capazes de revelar a identidade dos lugares” (KOHLSDORF, 2001, p. 5).

A fenomenologia influenciou a disciplina de arquitetura ao chamar a atenção para o papel da percepção ambiental no estudo da cidade. Sua contribuição permitiu compreender de modo mais profundo como a população percebe o ambiente urbano a partir da vida cotidiana, identificando os estímulos ambientais que determinam a relação das pessoas com o lugar (CASTELLO, 2005). Compreender melhor as técnicas da percepção ambiental aplicáveis à busca dos elementos de paisagem cultural deve ser, portanto, uma premissa metodológica nos processos de salvaguarda desta categoria de patrimônio.

Estudos recentes nesta área apontam para a relevância dos efeitos do conteúdo visual da janela na qualidade de vida e na preferência dos usuários. Nestas publicações são encontrados estudos sobre a importância (SEMENOV, 2017; KENT, 2018) e os efeitos da paisagem vista da janela na percepção do usuário em edifícios públicos e residenciais (OZDEMIR, 2010; KUHLENENGEL; WATERS; KONSTANTZOS, 2019; KENT; SCHIAVON, 2020) conciliando métodos de experimento controlado e entrevistas (KENT; SCHIAVON, 2020; WACZYNSKA; SOKOL; MARTYNIUK-PECZEK, 2021). Ozdemir (2010), ao entrevistar usuários de um edifício de escritórios de uma instituição educacional usando salas de mesmas características físicas, descobre que as pessoas preferem ambientes com janelas ao invés de sem janelas, principalmente com vista para a natureza, importantes para o bem-estar psicológico e físico. Além disso, o estudo conclui que as características da paisagem do lado de fora podem ser usadas para manipular positivamente a percepções dos usuários, em detrimento das limitações de configuração do ambiente interno dos edifícios. Kent (2018) aponta que em vez de coletar respostas separadas relacionadas aos recursos físicos da visualização da janela, isso pode ser feito fornecendo uma avaliação geral do conteúdo visual, uma vez que os aspectos físicos e simbólicos influenciam concomitantemente na preferência visual da vista da janela.

Por não serem encontrados estudos específicos dos efeitos do conteúdo visual da janela que poderiam influenciar os processos de preservação do patrimônio cultural, o presente estudo investiga o método dos mapas mentais para uma avaliação geral dos aspectos físicos e subjetivos percebidos por usuários inseridos neste contexto.

A Janela como lugar de paisagem

Na obra de Christian Norberg-Schulz (1976) evidenciam-se as bases teóricas do método qualitativo fenomenológico no campo da arquitetura. Ao sublinhar a importância dos elementos arquitetônicos percebidos como fronteiras e enquadramentos da natureza, do dentro e do fora, do natural e do feito-pelo-homem, Norberg-Schulz nos evidencia

um caminho para conhecer a *estrutura do lugar*. Sua referência ao *genius loci* parte justamente da análise feita pelo filósofo Heidegger ao poema *Uma noite de Inverno*, de George Trakl, onde diante de uma janela se estabelece o significado dos lugares e das coisas. “Assim, é na soleira que o problema do habitar se torna presente” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p. 447). Este habitar é justamente baseado na sabedoria do lugar, o *espaço vivido* diariamente.

Usamos a palavra ‘habitar’ para nos referirmos às relações entre o homem e o lugar. Para entender melhor o que esta última palavra significa, vale a pena retomar a distinção entre ‘espaço’ e ‘caráter’. Quando o homem habita, está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um determinado caráter ambiental. Denominarei de ‘orientação’ e ‘identificação’ as duas funções psicológicas implicadas nessa condição. Para conquistar uma base de apoio existencial, o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como está em determinado lugar (NORBERG-SCHULZ, 1976, p. 455).

Conforme a afirmação de Heidegger: “a fronteira não é aquilo em que uma coisa termina, mas, como já sabiam os gregos, a fronteira é aquilo de onde algo começa a se fazer presente” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p. 450). Ou seja, na abertura criada na parede, o fenômeno do lugar acontece para o espaço interno arquitetônico, passando a determinar o lugar de fruição entre o homem e a paisagem. Mas esse lugar da janela não é passivo e inócuo, como aponta FUÃO (2019) ao citar o filósofo contemporâneo Sloterdijk que vai trazer a janela sob o conceito Heideggeriano da *clareira*, como o primeiro grande elemento domesticador e, portanto, elemento ativo na percepção do homem.

Luiz Antônio Jorge (1995), em *O Desenho da Janela*, reitera e justifica a metáfora da janela com o olho humano. Ao longo da história, a janela desenvolveu-se como elemento independente na arquitetura, cuja natureza funcional e simbólica é distinta do elemento porta, signo de passagem, do unir e do separar, do entrar e sair. Ela é singular pois há em toda arquitetura o momento único do acesso principal que determina o sujeito estar fora ou estar dentro. À janela, por sua vez, é resguardado o sentido do olhar: para fora ou para dentro. Este olhar que, como o olho humano, oferece certa proteção do ser que habita:

A janela é por onde se olha a cidade como um texto. E o olho é o instrumento para olhar e por onde se olha, sem exigir a locomoção do sujeito do olhar ou que ele saia de si: o espírito é preservado dessa ação. [...] As janelas são signos desses olhares quase anônimos: quase, porque supõem-se quem são os habitantes da edificação; anônimos, porque, na sua infidelidade, elas podem comportar o olhar de qualquer pessoa. A arquitetura, com janelas, ganhava olhos (JORGE, 1995, p. 40).

Mesmo não sendo intencionalmente projetada como enquadramento de uma paisagem, uma janela estabelece intrinsecamente a relação interior *versus* exterior que, por sua vez, suscita um universo a ser explorado sobre o modo como o usuário percebe, relaciona e significa a paisagem através da arquitetura desses lugares, como também reitera Santos, Tenório e Medeiros (2018, p. 172):

A partir do estímulo da janela, a paisagem nos arreata e começa a agir sobre nós não de forma imparcial, mas de forma ativa, fazendo com que os nossos olhos sejam capazes de ‘ver além’, de atribuir à realidade significados, de tecer novas relações com o mundo e com as pessoas.

Diante do exposto, a janela revela-se um campo legítimo da ciência arquitetônica para os estudos de paisagem cultural. Um *lugar* de paisagem a ser explorado pelas ferramentas da percepção ambiental em usuários dos bens arquitetônicos que compõem os sítios de preservação, objetivando identificar e salvaguardar os símbolos e significados de determinado *genius loci*, que vinculam a permanência dos indivíduos (e por consequência da arquitetura) com a paisagem.

Caracterização dos Mapas Mentais

Kevin Lynch (1999 [1960]) foi um dos pioneiros a relacionar e associar a percepção da paisagem urbana ao comportamento dos usuários utilizando os mapas mentais. Em seu estudo sobre a imagem da cidade, os mapas mentais são empregados como método para obtenção de dados perceptivos do usuário que são relacionados com as cinco categorias na qual o autor decompõe a imagem da cidade (vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes). Trata de investigar essas representações concebidas pelos indivíduos, observando a força, a clareza e a recorrência com que esses elementos estão presentes na memória coletiva, ou seja, na imagem mental apreendida da cidade.

Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é uma sobreposição de imagens de muitos indivíduos. Ou talvez haja uma série de imagens públicas, criadas por um número significativo de cidadãos. Tais imagens de grupo são necessárias, quando se pretende que um indivíduo opere de um modo bem sucedido dentro do seu meio ambiente e coopere com seus companheiros (LYNCH, 1999 [1960], p. 57).

Os mapas mentais já foram amplamente discutidos por diversos outros autores como o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1983), a cartógrafa americana Bárbara Petchenik (1995) e o psicólogo suíço Jean Piaget (PIAGET; INHELDER, 1963), que fundamentam sua aplicação em diferentes áreas do conhecimento. Em comum, os mapas mentais são definidos como a representação do vivido, concebidos pela memória dos lugares experienciados. Revelam, através da representação, como o lugar é apreendido e vivido pelos indivíduos.

“Os cientistas assumem a cognição como componente fundamental na percepção do ambiente pelas pessoas” (NAOUMOVA, 2009, p. 91). Dentro dos níveis cognitivos do processo de apreensão, a noção de espaço é adquirida primeiramente no nível da percepção e depois no nível da imagem mental. Sobre a diferença essencial destes estágios, Kohlsdorf (1996, p. 58) explica: “no primeiro, o sujeito e o objeto estão necessariamente um em presença do outro, enquanto que, na segunda, o sujeito prescinde da proximidade física do objeto”. É na formação da imagem mental dos indivíduos que são assimilados e objetivados os efeitos da percepção. Diz respeito à capacidade do sujeito de evocar o objeto a partir do distanciamento no espaço-tempo, ou seja, a capacidade de evocar na memória o que foi apreendido e expressá-lo de modo simbólico. Os mapas mentais “revelam a ideia que as pessoas têm de mundo

e assim vão além da percepção individual, refletindo uma construção social” (KOZEL, 2007, p. 117).

Para Castello (2005, p. 192), seja pela representação subjetiva de usos ou pela representação simbólica do que é visto, a técnica é recomendada “para estudos que objetivam sondar a qualidade de *lugar* atribuída a um espaço”. Em sua tese, o autor sintetiza muito bem os fundamentos e objetivos da técnica dos mapas mentais na Percepção Ambiental dos lugares:

Muitos autores se valem do ‘exame de mapas mentais’ desenhados pelos moradores para desvelar, através deles, as imagens responsáveis por gravar as impressões mais marcantes encontradas nas mentes dos usuários – imagens capazes de induzir a percepção de um lugar. Além disso, os mapas também chamados cognitivos, são capazes de trazer revelações que extrapolam os conteúdos meramente imagéticos (CASTELLO, 2005, p. 191).

Os mapas mentais são definidos, portanto, como produtos de mapeamentos cognitivos, podendo assumir formas diversas como desenhos, esboços de mapas, listas de lugares de referência sobre um percurso (NIEMEYER, 1998). Eles não devem ser assumidos como produtos cartográficos, mas como formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais. É um método de caracterização da imagem mental, no qual se solicita ao indivíduo que represente de forma verbal ou desenho o universo questionado. Através da superposição de mapas pode ser observada a predominância e clareza dos elementos expressos.

Metodologia

Objeto de estudo

A realização deste trabalho considerou como contexto de análise a paisagem do Núcleo Urbano de Santa Tereza – RS, cidade do interior do Rio Grande do Sul, cujo tombamento nacional em 2012 exalta o valor paisagístico e cultural deste lugar (figuras 1 e 2).

O Rio Taquari, elemento importante da sua geografia, impulsionou o desenvolvimento comercial do núcleo (fundado em 1875) nas suas primeiras décadas com a atividade de porto entre a capital e as colônias da serra. A estagnação econômica iniciada na década de 1940 após o desvio do tráfego comercial, resultou na conservação da estrutura urbana antiga. O aspecto pictórico da paisagem resguarda forte relação com as pequenas vilas italianas (*borghi*) da região do Vêneto (nordeste da Itália). Cercada por morros e lavouras cobertos pela vegetação, o pequeno núcleo urbano está delimitado sobre uma península de cota elevada formada pelos arroios Marrecão e Vinte e Dois que deságuam no Rio Taquari. O campanário junto à praça central no topo da área é o marco visual. Em torno dele se distribuem os edifícios de baixa estatura de casas e pequenos comércios. Por estas qualidades, Santa Tereza se apresenta como um dos lugares mais representativos da imigração italiana do final do século XIX e início do século XX ocorrido no sul do Brasil.

A seleção do edifício para realização do estudo considerou à priori o elenco de vinte e seis edificações tombadas pelo IPHAN. A escolha do exemplar levou em consideração a acessibilidade ao interior do imóvel e as condições atuais de uso e população.

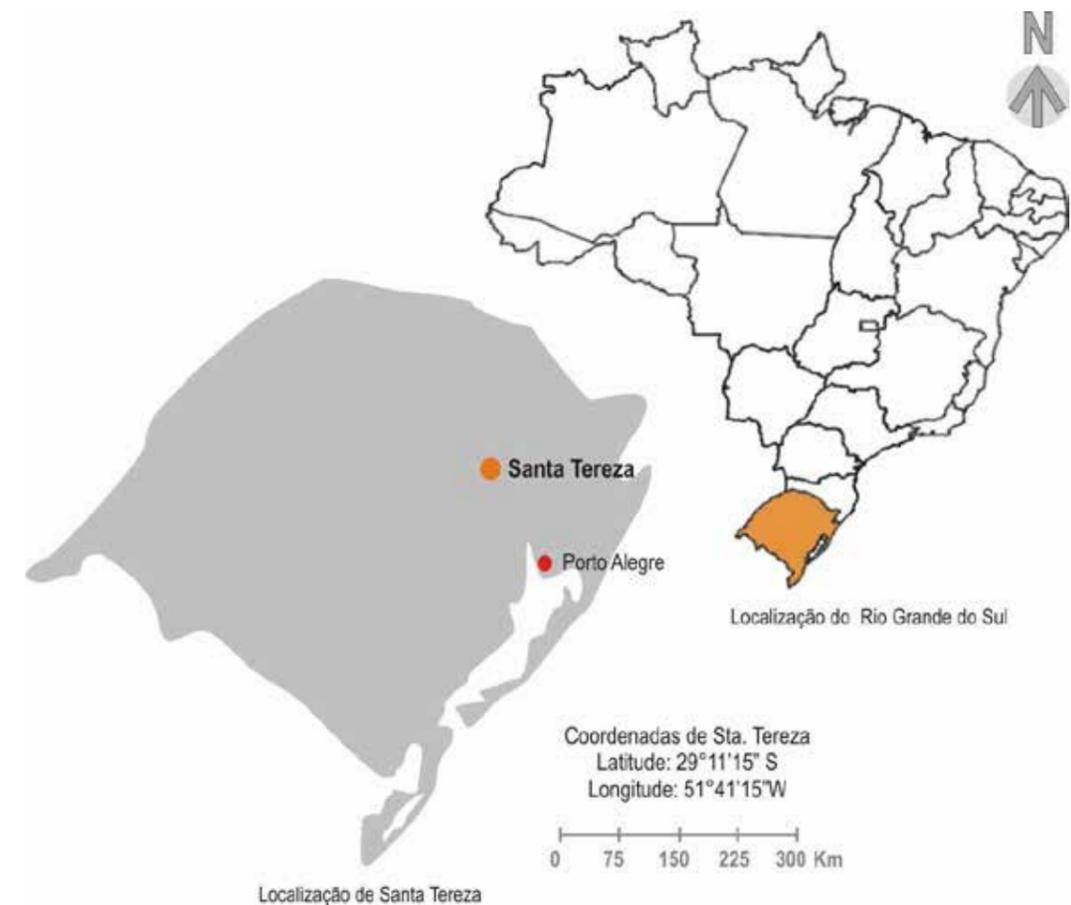


Figura 1 - Mapa de localização de Santa Tereza-RS. Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O edifício selecionado foi o prédio da atual Secretaria Municipal da Educação e Cultura de Santa Tereza – SMEC (figura 3). Trata-se de uma edificação em alvenaria de 1935, em estilo eclético, contendo dois pavimentos (térreo e porão). Nele foi fundada a primeira escola estadual de Santa Tereza, que começou a funcionar em 1939. Em 1985, o edifício foi tombado em nível estadual pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual – IPHAE.

Implantada no alinhamento da Rua Antônio Tramontina, encabeçando o eixo da Rua Amadeu Picinini, localiza-se no perímetro da praça central, região de cota mais elevada do núcleo urbano. O porão, parcialmente visível na base da fachada frontal, acomoda o desnível entre a rua e os fundos do lote. Atualmente o edifício é de propriedade do município de Santa Tereza, onde no térreo é ocupado pelas atividades de servidores da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e no porão abriga a biblioteca pública da cidade.

Coleta de dados

Para atingir o objetivo geral, foram considerados para estudo de caso os mapas mentais coletados em estudo piloto realizado pelo autor, no ano de 2013. O público alvo da pesquisa foi o mais abrangente possível considerando o universo de usuários disponíveis desta arquitetura a fim de estabelecer o critério fenomenológico da pesquisa de *espaço vivido*. Neste caso, servidores públicos, estagiários e usuários da biblioteca serviram para o escopo da pesquisa. No entanto, é preciso considerar que em determinadas situações do patrimônio, principalmente em imóveis inabitados ou abandonados, não seja possível a aplicação dos mapas no seu usuário direto. Nestes

Figura 2 - Foto aérea do núcleo urbano. Fonte: Google maps, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/maps/RZmUZEEdBmMgaYQD9> Acesso em: 14 de março 2021.



Figura 3 - Identificação do objeto de estudo – Edifício da SMEC. Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.



casos, considera-se possível recorrer a pessoas próximas deste universo, ou que estejam ligadas historicamente a esta arquitetura, ou ainda por uma experiência de grupo no espaço por pessoas da comunidade, caso estes indivíduos de referência não sejam mais disponíveis.

A realização do exercício foi agendada e previamente autorizada, ocorrendo durante horário de expediente da Secretaria de Educação e da biblioteca. Sua aplicação considerou as orientações fornecidas por Kohlsdorf (1996, p. 118):

A maneira tradicional de operar com os *mental maps* procede solicitando ao entrevistado que desenhe de memória determinado lugar, sem induzir quaisquer classificações. Pode-se, porém, encaminhar para registro segundo certas categorias ou elementos necessários aos escopos de pesquisa.

Os participantes, com idade entre 18 e 57 anos de idade, foram reunidos para uma breve explicação sobre o método a ser aplicado e o objetivo da pesquisa. Como direcionamento ao escopo da pesquisa, os usuários foram questionados da seguinte forma: *O que você vê a partir das janelas da secretaria da educação?*

Esta pergunta fundamenta-se no caráter abrangente e exploratório do objetivo da pesquisa, que busca analisar o potencial do método para análise de paisagem tendo a janela como filtro. Sobre o termo *vê*, é pertinente a colocação trazida por Lineu Castello (2005) ao tratar da influência da percepção ambiental na abordagem do *Lugar*:

De fato a expressão 'ver' incorpora tanto o sentido ótico da visão, quanto o sentido de cognição, de compreensão sobre um fenômeno: perceber com a visão e conhecer com a compreensão (CASTELLO, 2005, p. 162).

Nesse sentido, o questionamento concerne um duplo sentido, pertinente a integrar os componentes materiais e imateriais que a categoria de paisagem cultural pressupõe enquanto preservação. O mesmo duplo sentido existente nas expressões *veja a árvore* (enxergue algo) e *veja bem* (entenda o que eu digo) apontados por Castello (2005).

Foi fornecido aos participantes papel branco em formato A4, sendo livre a utilização de lápis, caneta, ou qualquer material para colorir. Foi frisada a importância de que cada participante expressasse seu ponto de vista, usando de forma livre símbolos, palavras ou desenhos para construção do seu mapa.

A fim de que a representação correspondesse ao conteúdo cognitivo da memória, sugeriu-se aos participantes que não estivessem diante da mesma para conceber o mapa, podendo realizá-lo a partir de casa ou estando em um cômodo alheio àquele da janela representada. Os participantes preferiram realizar seus mapas naquele momento, utilizando cômodos diferentes. Foi solicitado ainda que ao final da representação, o participante informasse sua idade e a função que ocupava, sendo opcional a colocação do seu nome.

Os sete mapas mentais coletados corresponderam a expressões claras de representação da paisagem emoldurada pelas janelas do objeto de estudo e foram considerados para esta análise.

Categorias de análise

Inicialmente os mapas foram enumerados e identificados pela idade e sexo dos participantes. Cada mapa teve seu conteúdo de elementos listado e organizado sob a forma de um quadro (ver quadro 1) que tratou inicialmente de classificar os elementos por suas formas de representação, basicamente como palavras e desenhos.

Esta organização permitiu também constatar alguns aspectos gerais sobre o conjunto de mapas que também foram relacionados na tabulação como: orientação de fachada correspondente à janela representada; orientação da folha de papel usada para representação e presença da moldura da janela na representação. A seguir são apresentados exemplos dos mapas coletados (ver figura 4).

É pertinente para este estudo os quesitos propostos por Kozel (2007), que organiza a análise dos mapas mentais sob as seguintes categorias: (i) quanto à *forma de representação* dos elementos da imagem; (ii) quanto à *distribuição dos elementos*

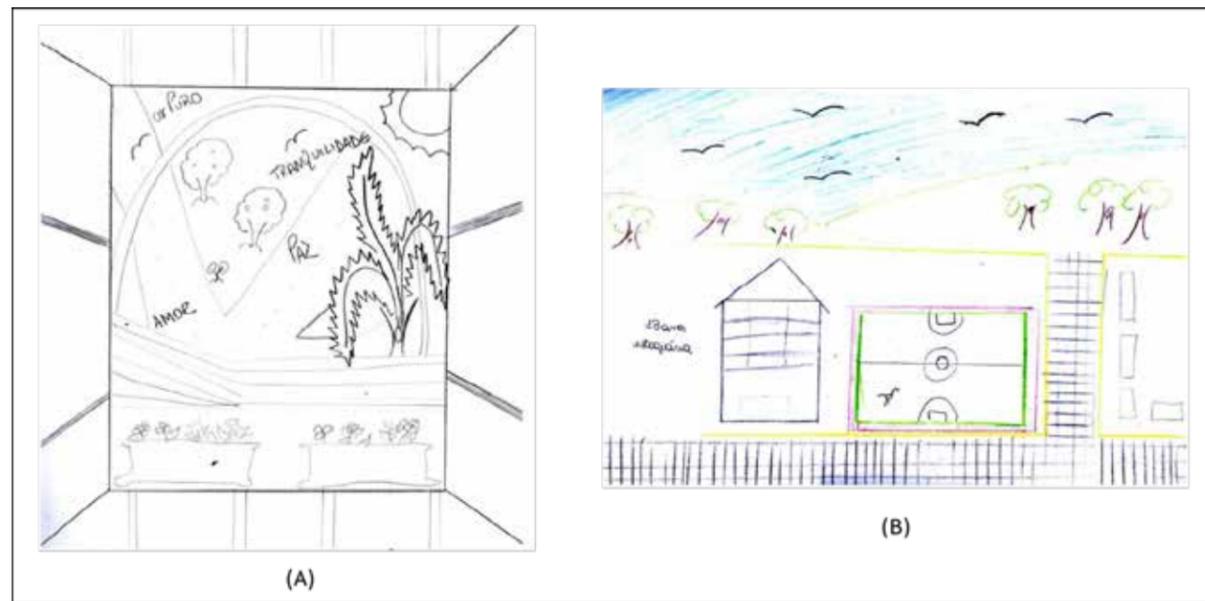


Figura 4 - Exemplos de mapas mentais: (A) mapa n°3, 27 anos, fachada norte, desenhos e palavras, folha na posição vertical; (B) mapa n°2, feminino, 18 anos, fachada sul, folha na posição horizontal. Fonte: Adaptado pelo autor, 2013.

na imagem; (iii) quanto à *especificidade dos ícones* (paisagem natural, paisagem construída, elementos móveis, elementos dos humanos) e (iv) *outros aspectos ou peculiaridades*. Esta última categoria é facultada para a necessidade de análise de aspectos não compreendidos pelas categorias anteriores.

Desta forma o presente estudo buscou analisar como os dados fornecidos pelos mapas mentais da janela estão articulados com a paisagem patrimônio de Santa Tereza, e de que modo a janela (e por consequência a arquitetura) interfere nessa percepção dos usuários.

Resultados e discussão

A partir da tabulação dos conteúdos conforme Quadro 1, os mapas coletados foram classificados em dois grupos, associados por características comuns em função das categorias de análise, sendo eles:

- **Grupo 1** (3 participantes): mapas associados à especificidade de ícones ligados à fachada norte, que utilizaram palavras associadas a desenhos como forma de representação, e que usaram a orientação retrato do papel como forma de distribuição (folha na vertical).
- **Grupo 2** (4 participantes): mapas associados à especificidade de ícones ligados à fachada sul, que utilizaram apenas desenhos como representação, e que usaram a orientação do papel no formato paisagem (horizontal) para distribuição da imagem.

Identificados estes agrupamentos, as análises por categorias tratam de relacionar e interpretar os conteúdos dos mapas desses dois grupos de usuários.

i. Análise quanto à forma de representação

O grupo 1 é caracterizado pela recorrência de representações imateriais, utilizando o emprego de palavras como *tranquilidade*, *contemplação* e *desapego* associadas ao desenho de elementos da praça e das ruas próximas, evidenciando qualidades bucólicas sobre a perspectiva da praça, refletindo portanto as qualidades da paisagem

Nº do Mapa	1	2	3	4	5	6	7
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Idade	18 anos	18 anos	27 anos	30 anos	51 anos	53 anos	57 anos
Desenhos	Bananeiras Árvore sem folhas Árvore com folhas Morros Sol	Árvores Morros Céu azul Pássaros Edifício do clube	Árvores da praça Palmeira Sol Flor na praça Pássaros	Árvore com folhas Árvore sem folhas Campo de futebol Ruas Edifício clube Janela fechada	Árvores Parquinho/Playground da biblioteca Edifício do clube Campo de futebol Casa de madeira com telhado Rua	Árvores da praça Palmeira Praça/Esquina Degraus Janela aberta Muros do campo de futebol	Rua Floreiras da janela Janela fechada
Legenda:	<input type="checkbox"/> Paisagem Natural <input type="checkbox"/> Paisagem Construída <input type="checkbox"/> Elementos humanos <input type="checkbox"/> Outros elementos	<input type="checkbox"/> Paisagem Natural <input type="checkbox"/> Paisagem Construída <input type="checkbox"/> Elementos humanos <input type="checkbox"/> Outros elementos	<input type="checkbox"/> Paisagem Natural <input type="checkbox"/> Paisagem Construída <input type="checkbox"/> Elementos humanos <input type="checkbox"/> Outros elementos	<input type="checkbox"/> Paisagem Natural <input type="checkbox"/> Paisagem Construída <input type="checkbox"/> Elementos humanos <input type="checkbox"/> Outros elementos	<input type="checkbox"/> Paisagem Natural <input type="checkbox"/> Paisagem Construída <input type="checkbox"/> Elementos humanos <input type="checkbox"/> Outros elementos	<input type="checkbox"/> Paisagem Natural <input type="checkbox"/> Paisagem Construída <input type="checkbox"/> Elementos humanos <input type="checkbox"/> Outros elementos	<input type="checkbox"/> Paisagem Natural <input type="checkbox"/> Paisagem Construída <input type="checkbox"/> Elementos humanos <input type="checkbox"/> Outros elementos
Palavras			Ar Puro Tranquilidade Paz Amor			Contemplação Liberdade de pensamento.	Certezas Cronogramas Organização Degradê Natureza Beleza Oportunidades Motoristas Ponto de fuga Dasapego Linhas Música Felicidades
Moldura da janela	Sem moldura presente	Sem moldura presente	Com moldura presente	Sem moldura presente mas com caixilhos	Sem moldura presente	Com moldura presente	Com moldura presente e com caixilhos
Fachada	Fachada Sul	Fachada Sul	Fachada Norte	Fachada Sul	Fachada Sul	Fachada Norte	Fachada Norte
Orientação da folha	Paisagem	Paisagem	Retrato	Paisagem	Paisagem	Retrato	Retrato

urbana do lugar, enquanto que no grupo 2 as representações concentram-se apenas sobre desenhos de elementos físicos como morros, as árvores, o playground, o prédio do clube e o campo de futebol.

ii. Análise quanto à disposição dos elementos

O grupo 1 é caracterizado pela utilização da folha em formato retrato (vertical) contendo na representação o desenho da moldura da janela, enquanto que no grupo 2 todas as representações foram feitas utilizando o papel na orientação paisagem (horizontal) sem a representação dos limites da moldura.

Quadro 1 – Classificação do conteúdo dos mapas mentais. Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Esta diferença na disposição da imagem pode representar uma influência direta do elemento janela e o campo visual que ela compreende. O formato vertical e alongado das aberturas desta edificação pode ter impacto maior ou menor sobre a percepção do usuário, dependendo do campo visual proporcionado pela janela. Nas janelas ao norte, o campo visual é delimitado pela rua e pela praça, enquanto que nas janelas ao sul configura-se uma situação de mirante, com um campo visual amplo e livre, tendo como horizonte os morros que delimitam o vale, razão pela qual tenha levado os participantes do grupo 2 a utilizar majoritariamente a folha de papel na horizontal, sem representar os limites da janela. Cabe destacar o efeito perspectivo presente em alguns dos mapas deste último grupo, compreendendo os morros e o céu como pano de fundo dessas representações.

iii. *Análise quanto à especificidade dos elementos elencados*

O grupo 1 remete à especificidade dos elementos urbanos da praça e da rua, compreendido pelas janelas da fachada norte. O grupo 2 fica caracterizado pela recorrência dos elementos construídos do clube e do campo de futebol. O elemento que perpassa esses dois recortes da paisagem são o *verde* das árvores e da *natureza* como mencionado pelos participantes em desenhos e palavras.

Considerando o universo total dos mapas, há uma representação maior de elementos da paisagem construída, frente aos elementos da paisagem natural. A rua aparece como elemento recorrente, seguido do campo de futebol e o edifício do clube, que tiveram representações bem detalhadas pelos participantes. Quanto aos elementos da paisagem natural, observa-se a recorrência das árvores detalhadas sob diversas formas (bananeiras, palmeiras, com folha e sem folhas) seguido da representação dos morros, sol, pássaros e o céu.

É pequena a representação do ser humano nos mapas dos participantes. Apenas um usuário trouxe a presença da criança brincando no escorregador do playground da biblioteca. Mesmo sendo a rua um elemento da paisagem construída recorrente, automóveis e outros elementos móveis não foram representados nesta paisagem, o que reflete a dinâmica urbana tranquila da pequena cidade, qualificada nas palavras de alguns participantes.

Como resultado geral, a análise dos mapas pelas categorias de Kozel (2007) permitiu uma leitura coletiva dos dados fornecidos pelo grupo de participantes, que demonstram o potencial dos mapas mentais em indicar focos qualificados da janela relacionados a paisagem do lugar, bem como elencar os elementos subjetivos como sentimentos envolvidos sobre esta relação. Dados estes que permitem relacionar o contexto da paisagem construída da praça com qualidades subjetivas como *paz*, *liberdade de pensamento* e *beleza*. Da mesma forma, a qualidade visual ampla que permite ao usuário reconhecer com clareza a paisagem natural do vale situando-se pelo contorno dos morros, e destacar locais importantes de socialização na paisagem construída, como o clube e o campo de futebol. Fato é que o conjunto de mapas mentais aponta para a importância hierárquica dessas duas orientações para o grupo de usuários, prevalecendo ainda o maior número delas sobre as janelas voltadas para o sul.

Corroboram com estes resultados os estudos sobre mapas mentais voltados à análise perceptiva de paisagens brasileiras como Lima e Kozel (2009), Filho e Oliveira (2013) entre outros, que também apontam para o potencial do método em elencar as qualidades subjetivas da paisagem, sob o enfoque da geografia e do espaço aberto. Porém, nenhum destes trata especificamente do usuário relacionado à paisagem

emoldurada pela arquitetura, como procedeu este estudo.

Considerações finais

É possível concluir a partir dessa abordagem qualitativa sobre os mapas mentais que o campo visual e o foco da janela interferem diretamente na percepção do usuário. Apesar de os mapas mentais se apresentarem como uma fonte qualificada de dados acerca da janela como lugar de paisagem e permitir uma leitura sintética sobre a percepção dos aspectos materiais e imateriais envolvidos, carece sobre estes resultados uma forma de confrontação, que comprove que as teorizações feitas constituam-se de fato em símbolos e significados do bem arquitetônico para o bem paisagístico.

A polaridade dos dois grupos característicos verificados na análise, possui relação clara com a qualidade do foco das janelas representadas. O fato das representações evocarem apenas elementos da paisagem das janelas de orientação norte e sul, expõe critérios de preferência e identificação dos usuários sobre as janelas, a serem considerados em possíveis intervenções neste edifício ou neste entorno. Fica claro também que este fenômeno da paisagem sobre o ambiente interno, condicionado pelo contexto de implantação do objeto de estudo, só pode ser qualificado pelo foco da janela e pela vivência do usuário.

Em Santa Tereza, paisagem e arquitetura constituem uma unidade cultural para além do valor histórico. Esta qualidade ambiental é vivida, percebida e significada pelos usuários dentro do ambiente arquitetônico, através do elemento janela, como demonstram os mapas mentais analisados no contexto da biblioteca municipal. Pode-se concluir que as características paisagísticas desta paisagem patrimonial refletem na qualidade ambiental vivida no interior do edifício e no bem estar de seus usuários. A fronteira da janela é, portanto, um indício da relação harmônica entre paisagem, edifício e usuário nesta pequena cidade histórica.

Neste sentido, novas recomendações sobre o estudo da percepção ambiental de paisagens culturais sobre o lugar da janela se fazem pertinentes, como também uma abrangência maior no número de objetos de estudo em um mesmo sítio, suas confrontações com outras ferramentas perceptivas considerando tanto a vivência do usuário como o olhar técnico de arquitetos e urbanistas, antropólogos, geógrafos e demais áreas do conhecimento relacionadas à paisagem cultural.

A paisagem cultural, entendida como categoria de preservação integrada dos lugares, pode encontrar nas ferramentas da percepção ambiental um caminho metodológico eficiente para elaboração dos instrumentos de gestão e salvaguarda. O ordenamento da paisagem cultural deve ser dinâmico como a própria definição de paisagem, assim como é dinâmica a percepção daqueles que vivem o lugar. Preservar paisagens é, sobretudo, preservar o *habitar*, que só pode ser compreendido através das individualidades do coletivo, na fronteira, de dentro para fora. Assim, entre o símbolo material e o significado imaterial, define-se o desejo de permanência ou de mudança da paisagem.

Referências

APPLEYARD, Donald. *Livable Streets*. University of California Press, Berkeley, 1981.

PETCHENIK, Bárbara Bartz. *Cognição e cartografia*. Geocartografia. n.6, São Paulo: USP, 1995.

CASTELLO, Lineu. *Repensando o lugar no projeto urbano. Variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985-2004)*. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5112> Acesso em: 12 set. 2020.

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Portugal: Edições 70, 1994.

DEL RIO, Vicente. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.

FAJARDO, Martha.; PERÍES, Lucas. (Eds.). *El paisaje a través de mi ventana: crónica ilustrada del paisaje en los tiempos del coronavirus*. Córdoba: UCC, 2020.

FILHO, Fernando Silva Magalhães; OLIVEIRA, Ivanilton José de. A utilização de mapas mentais na percepção da paisagem cultural da cidade de Goiás/GO. In: *Cultur - Revista de Cultura e Turismo*, v. 7 n. 3. Bahia: Universidade Federal do Sul da Bahia, 2013. p. 31-45. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/324> Acesso em: 12 set. 2020.

FUÃO, Fernando. *Sobre cadeiras e clareiras: uma leitura sobre a domesticação em regras para o parque humano de Peter Sloterdijk*. 2019, n.p. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2019/11/sobrecadeiras-e-clareiras-umaleitura.html> Acesso em: 30 ago. 2020.

IPHAN. Portaria n° 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 83, p. 17, 5 maio, 2009.

JORGE, Luís Antônio. *O Desenho da Janela*. São Paulo: Annablume, 1995.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *A Apreensão da Forma da Cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

KOHLSDORF, Maria Elaine. Percepção e preservação da paisagem cultural. In: *Olam – Ciência & tecnologia*, ISSN 1982-7784, vol. 1, n. 2, p. 187-211, novembro. São Paulo: Rio Claro, 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/article/view/11760> Acesso em: 12 set. 2020.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *Sobre a Identidade dos Lugares*. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 1999. Disponível em: http://www.unb.br/fau/cidade_arquitetura/identidade.pdf Acesso em: 3 maio 2008.

KENT, Michael. *The Importance of Window View: Using an Exploratory Factor Analysis to Uncover the Underlying Latent Dimensions*, University of California, Berkeley, 2018. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/4mj1b1vz#main> Acesso em: 01 abr. 2021.

KENT, Michael; SCHIAVON, Stefano. Evaluation of the effect of landscape distance seen in window views on visual satisfaction. In: *Building and Environment*, volume. 183, outubro 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132320305345> Acesso em: 01 abr. 2021.

KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas. In: KOZEL Salete, SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. (org): *Da percepção e cognição à representação*. São Paulo. Terceira Margem, 2007. p.114-138.

KUHLENENGEL, Michael; WATERS, Clarence; KONSTANTZOS, Iason. Assessing the impact of outside view on learning: a close look to EN 17037 ‘view out’ practices through the analysis of 220 classrooms. In: *Journal of Physics: Conference Series*, Volume 1343, 2019. Disponível em <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1742-6596/1343/1/012159> Acesso em: 08 jun. 2021.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salete. Lugar e mapa mental: uma análise possível. In: *Geografia (Londrina)*, v. 18, n. 1, jan/jun. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências, 2009. p. 207-231. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia> Acesso em: 12 set. 2020.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Edições 70, 1999. Tradução de The Image of City (1960).

NAOUMOVA, Natalia. *Qualidade estética e policromia de centros urbanos*. Vol. I. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/16472> Acesso em: 12 set. 2020.

NIEMEYER, Ana Maria de. Indicando caminhos: mapas como suporte na orientação espacial e como instrumento no ensino de antropologia. In: NIEMEYER, A. M. de; GODOI, E. P. de (Org.). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 11-40. Disponível em: <https://karinakuschnir.files.wordpress.com/2017/05/niemeyer-ana-maria-indicando-caminhos-2007.pdf> Acesso em: 12 set. 2020.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. 1976. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 444- 461.

OZDEMIR, Aidyn. The effect of window views’ openness and naturalness on the perception of rooms’ spaciousness and brightness: A visual preference study. Department of Landscape Architecture, Ankara University, Ankara, Turquia, Junho, 2010. In: *Scientific Research and Essays*, vol. 5(16), pág. 2275-2287, 18 agosto, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228638630_The_effect_of_window_views'_openness_and_naturalness_on_the_perception_of_rooms'_spaciousness_and_brightness_A_visual_preference_study Acesso em: 01 abr. 2021.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. Les images mentales. In: FRAISSE, P.; PIAGET, J. (Dir.). *Traité de psychologie expérimentale*. VII. L’intelligence. Paris: PUF, 1963.

SANTOS, Ana; TENÓRIO, Barbara; MEDEIROS, Helen. Uma janela para paisagem. In: *Arquitetura Revista*, vol. 14, n. 2, p. 163-173. São Leopoldo: Unisinos, 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2018.142.06> Acesso em: 12 set. 2020.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEMENOV, Misha. Framing the View to Nature: Windows as Empathic Mediators between Indoor and Outdoor Ecology. Dezembro, 2017. In: The Ecoemphaty Project, 17 de Dezembro, 2017. Disponível em: <https://ecoemphatyproject.wordpress.com/2017/12/17/framing-the-view-to-nature-windows-as-empathic-mediators-between-indoor-and-outdoor-ecology/> Acesso em: 01 abr. 2021.

TUAN, YI-FU. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

UNESCO. *Convention concerning the protection of the world cultural and natural heritage*. World Heritage Comitee, 16ª seção, 7-14 de dez. Santa Fe, Estados Unidos, 1992. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/1992/whc-92-conf002-12e.pdf> Acesso em: 18 set. 2020.

WACZYNSKA, Marta; SOKOL, Natalia; MARTYNIUK-PECZEK, Justyna. Computational and experimental evaluation of view out according to European Standard EN17037. In: *Building and Enviroment*, volume 188, janeiro 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132320307824> Acesso em: 01 abr. 2021.

ZANIRATO, Silvia. Paisagem cultural e espírito do lugar como patrimônio: em busca de um pacto social de ordenamento territorial. In: *Revista CPC*. São Paulo: CPC-USP, n. 29, 1. Semestre, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/161594> Acesso em: 12 set. 2020.